



COMPRIMIDO IV

Doeria esperar com a alma recolhida,
doeria degustar sem ter a saliva querida.

Com discurso empolgado e de ceptro inquieto, o calor de quem não esmorece traz à vida laivos de fel e favos de mel. Vamos em frente!

Tomei o quarto comprimido e agora confunde-se-me ganhar e perder contigo a razão e virar a página e ajudar o Simão, porque ele não deve ficar sozinho.

Com risco e com ética.

Comeci assim a medicação, uma medicação de gestos e mistérios, de sincopes e deslumbres. O que dificulta o seu doseamento é no-bre e de ordem superior. Pelo menos aos nossos olhos. Vejamos.

de uma desconexão joviáilidade inspi-
rada nos corredores da escola esse rejeito sem
razão acordou o início do que devora a sereni-
dade e é alento, do que abre asas de anjo e
sorriso de estíngue quando tudo era cinzento,
do que me faz casquinha na tempestade, se
bem que até gosto do sabor a salgado, eu e
todos os que provam deste cálice.

“Sacana manipulador!”

Era eremita, de estocismo inquebrável, quan-
do entre termos brandos te chamei

COMPRIMIDO I

Janeiro de 2014
Manter ao alcance e à vista das crianças e adultos

A BULA[®]
Comprimidos Literários



Este folheto contém informação importante para si. Leia-o atentamente.

COMPRIMIDO II

Era para isto que vivia:

Ergue-se vã foice
da morte indesejada.
Vem, imortalidade!

Creio em ti minha,
domesticada em pena
inspirada pela dor
instável e ora vilã

ora mãe da lúcida
veia transbordante
que afaga no fim
como carícia de cetim.

Mas então pousei a pena e ergui o rosto cravejado no papel:

Crucificado coração que perdi
na hora de distração de temente,
entrego-o de mãos trémulas
que se refugiam na solenidade
da tua voz, branda, senhora de si,
ela que apazigua ares de borboleta
em barriga que quer ávida viver
pelos dedos, os lábios, o silêncio,
com o abraço sem cilício...

Na espera vi que ao suplício
dos anos de tenra maturidade
se atribuirá uma felicidade.

Aguardo sempre, crendo tempo não ter,
porque da paciência acha-se o que perdura.
Antecipo o que vem depois da paixão
pois é sempre a eternidade que me cura.

COMPRIMIDO III

*Descobri-me num mar serenado e decidi
fazer eu as ondas:*

Eis-me mulher sem mistério
por um momento pequena, simples
a querer mostrar o que é sério
às trupes de cochicho pedintes.

Faz-me comum um dia
para nesse dia ser feliz sem estrelas
e estrela para elas seria,
as graças baratas, quero comê-las.

O circunscrito não parece bastante
quero ao mundo gritar meu amor
temo horror de memória de elefante
abafo o que seria novo ardor.

Aguardo o acaso de conto de fadas
enamoro-me todos os dias com o segredo.

O lume está aceso. Assim fica sempre aceso?

*Donzela cujo prumo assim se estilhaçaria,
sede amante no topo da torre e escondi dos
mesquinhos o que é cristalino. Bebei de vez
em quando um golinho de mim e de vós e
cada compasso de espera nos forma como
areias diferentes se sedimentando em cama-
das progressivas, criando um quadro colori-
do e intocável, eterno se a isso nos ajoelhar-
mos.*

“Amo-te.”

Também te amo.

Respiro a maresia.

O FIM DA DOENÇA DO NATURALMENTE MESQUINHO

Simão, rapaz de costumes fáceis, sempre se sentava no primeiro banco a seguir à porta traseira do autocarro, que àquela hora cheio e embaciado subia os Aliados.

Nos bancos de costas para o sentido da carreira, no início do veículo, estava uma moça abafada no gorro e cachecol tricotados pela mãe, de semblante zangado e tão determinado que certamente na mochila trazia uma bandeira de protesto.

Simão olhou pela janela, contemplou a fachada da Câmara e perguntou a si mesmo

“De que serve um pastor sem rebanho?”

O autocarro parou. Simão olhou para os homens cansados e as mulheres distraídas. Um velhinho sem bengala mas de andar trôpego entrou e, de sorriso brando, agarrou-se ao segundo poste, quase tarde de mais porque o motorista tinha horário e este mundo não espera as pausas outrora de educação e de reflexão, e ficou a um passo da moça resoluta, que nem os olhos er-
gueu para ver o fim a que aspirava.

Simão perguntou então

“De que serve um rebanho sem pastor?”

E o velhinho continuou de pé, a moça manteve-se arrojada e efervescente e Simão esperou. E, em epifania maior na mente, menor na prática e excelsa no sentido, lá reparou que aguardava por si próprio.

Ameaçava chuva. Mas não choveu. Os ossos, os que os suportavam, doíam. Na sacola do Simão havia um comprimido. Esteve para o dar ao velhinho. Mas primeiro tinha de ler a bula. Enquanto não a lesse e interpretasse, faria o que podia: levantou-se, agarrou-se à honra e à humanidade que eram frias mas eminentes, pois então tombaria na primeira curva da carreira, encaminhou o velhinho até ao seu lugar ainda quente e ouviu

“Muito obrigado, não precisava. Graça a Deus há pessoas como o menino.”

A moça ignorou. Já a senhora dos brincos de pérola, sozinha no último banco, sorriu. O Simão haveria ainda de discutir a qualidade dos paralelos da rua com dois homens que saíam na mesma paragem e mover duas ou três peças do xadrez que é a vida sem precisar de estar sempre zangado com uma bandeira dentro da mochila.



Comprimidos Literários de Madalena Nogueira dos Santos

Ilustração de Pedro Monteiro

S

Titular da Autorização de Introdução no Mercado e Fabricante: www.correiodoport.pt

Este folheto foi aprovado pela última vez no dia 31 de Dezembro de 2013